

---

## REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NO CINEMA BRASILEIRO

**Ingryd Hayara**<sup>1</sup>  
**Isael Pereira**<sup>2</sup>  
**Carla Paiva**<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de apresentar o resultado de uma investigação sobre como os próprios nordestinos compreendem as representações sociais sobre o Nordeste que estão presentes no cinema nacional, a partir da análise de um questionário com 13 perguntas, disponibilizados na internet, através da ferramenta Google Drive. Ao todo, foram entrevistadas 153 pessoas e suas respostas foram confrontadas com os estudos acerca das questões sobre representação, identidade e identidade nordestina. Os resultados apontam que quase 70% das pessoas consideram que os filmes não são fiéis a realidade em que vivem, porém, esses mesmos indivíduos ainda mantêm uma opinião dividida quando se refere ao reconhecimento em relação à cultura, as falas e expressões dos personagens fílmicos.

**Palavras-chave:** Cinema. Nordeste. Representações Sociais. Identidade. Pesquisa de Opinião.

## REFLECTIONS ON THE REPRESENTATION OF THE NORTHEAST IN BRAZILIAN CINEMA

### ABSTRACT

This article presents the result of an investigation into how northeastern people themselves understand the social representations of the Northeast that are present in national cinema, based on the analysis of a questionnaire with 13 questions, available on the internet, through the Google Drive. In all, 153 people were interviewed and their answers were compared with studies on the issues, identity and identity of the Northeast. The results show that almost 70% of people consider that the films are not faithful to the reality in which they live, but they still maintain a divided opinion when it comes to recognition in relation to a culture, such as the speeches and expressions of filmic characters.

**Keywords:** Movie theater. North East. Social Representations. Identity. Survey Research.

## REFLEXIONES SOBRE LA REPRESENTACIÓN DEL NORDESTE EM EL CINE BRASILEÑO

### RESUMEN

---

<sup>1</sup> Maior titulação. Profissão. Instituição (SIGLA). Município. Estado. País. E-mail.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem.

Este artículo presenta el resultado de una investigación sobre cómo los propios nordestinos entienden las representaciones sociales del Nordeste presentes en el cine nacional, a partir del análisis de un cuestionario de 13 preguntas, disponible en internet, a través de la herramienta Google Drive. En total, 153 personas fueron entrevistadas y sus respuestas fueron comparadas con estudios sobre la problemática, la identidad y la identidad del Nordeste. Los resultados muestran que casi el 70% de las personas considera que las películas no son fieles a la realidad en la que viven, pero aún mantienen una opinión dividida en lo que respecta al reconocimiento en relación a una cultura, como los discursos y expresiones del cine.

**Palabras clave:** Cine. Nordeste. Representaciones Sociales. Identidad. Encuesta de Opinión.

## Introdução

A consolidação do que hoje compreendemos como a região Nordeste foi construída, gradualmente, ao longo do século XX, através de diversos elementos que envolvem, desde a compreensão de um espaço político até a ascensão de um imaginário, o qual constitui uma representação imagética desse lugar. De acordo com Rago (2011, p.13), “até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados”. O processo de regionalização nordestina está diretamente atrelado à formação das regiões no Brasil. Até então, o território brasileiro era dividido em unidades político-administrativas, no qual existia a “Província do Norte” e a “Província do Sul”. Essa configuração irá sofrer modificações refletindo as influências da expansão do capitalismo mundialmente e a consequente mudança dos Estados-Nação (PENNA, 1992).

Essas modificações irão se estabelecer, especialmente, nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Albuquerque Júnior (2011), a Primeira Guerra Mundial terá um grande impacto no país, ao impulsionar a busca pela construção de uma identidade para a nação e os brasileiros. Esse processo de construção e reconhecimento do Nordeste como região foi acompanhado de práticas e fomentação de signos estigmatizantes que associa o povo nordestino a alguns “traços unificadores”, marcados por aspectos como a pobreza, a estiagem, o agrário etc. (PAIVA, 2014), que iam para além do campo político, sendo também difundidos por meio da ação de vários intelectuais e artistas dos mais diversos segmentos, como a literatura, música, veículos de comunicação e o cinema.

Neste artigo, iremos dar um foco especial à linguagem audiovisual, especialmente, a contribuição das produções cinematográficas para a concepção de imagem acerca do Nordeste. Desde a década de 1930, o cinema brasileiro levou para as

---

telas imagens e estereótipos sobre a região, especialmente centralizada na figura do nordestino (PAIVA, 2014). Alguns desses aspectos ficariam marcadas no imaginário coletivo até os dias atuais. Apesar de muitos aspectos terem mudado nas últimas décadas, especialmente, na transição para século XXI, com a ascensão de discussões voltadas para a pluralidades dessa região, Paiva (2017, p. 156) afirma que “essa imagem é tão forte que ela vem, constantemente, sendo perpetuada. Às vezes, a gente cai no equívoco do próprio nordestino se enxergar dessa formar e negar outras possibilidades de identidades que existem nesses espaços”.

Essa reflexão indica a permanência no audiovisual nacional de uma representação social sobre a identidade do Nordeste. Moscovici (1976 *apud* DUVEEN, 2007) irá associar as representações sociais a um sistema de valores, práticas e ideias que possui como função principal estabelecer determinada ordem para nos orientar no mundo material e social, possibilitando que as pessoas dessa comunidade se comuniquem, a partir de certos códigos acerca da sua história individual e social. Moscovici (2007) ainda afirma que as representações sociais são sustentadas pelas influências que sofremos no meio em que estamos inseridos ou temos acesso, assim, é tido que o meio estabelece as associações com as quais nós nos ligamos aos nossos semelhantes. Assim, devem ser vistas como uma maneira de entender e ensinar aquilo que já conhecemos e adquirimos em sociedade para os demais.

A partir disso, ficamos instigados a investigar como os próprios nordestinos compreendem as representações sociais sobre o Nordeste que estão presentes no cinema nacional. Buscando saciar essa inquietação, estabelecemos como objetivo principal neste artigo: analisar as percepções dos nordestinos a respeito das representações sociais contidas nas obras cinematográficas ambientadas no Nordeste. Para trilhar os caminhos que nos apontem respostas a essa provocação, traçamos um percurso metodológico que nos auxiliasse, em primeiro lugar, a refletir sobre as representações sociais, cinema, identidade e Nordeste, através de uma pesquisa bibliográfica, que, para Fonseca Júnior (2005, p. 32), consiste no “levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”, com o objetivo de permitir ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Todavia, esse procedimento não era o suficiente para tentar compreender as perspectivas dos sujeitos nordestinos. Por isso, decidimos realizar uma pesquisa de opinião direcionada para as pessoas que são nativas dessa região e/ou quem moram em estados do Nordeste, a fim de conhecer um pouco sobre as perspectivas delas sobre os filmes ambientados nessa região.

Nas últimas décadas, a pesquisa de opinião tem sido utilizada por diversas instituições - privadas e públicas - para observar as características da realidade de determinados públicos quanto as questões políticas, econômicas e comportamentais. Na pesquisa científica, tem auxiliado os pesquisadores para interpretar aspectos da população e/ou a ocorrência de determinados fenômenos, através das respostas dos participantes (WEBER; PÉRSIGO, 2007). De acordo com Novelli (2005), por diversas vezes, a pesquisa de opinião pública é compreendida não apenas como uma técnica de medição da opinião, mas como uma própria extensão dessa, consolidando-se enquanto um método de investigação científica. Dentre suas vantagens, a autora elenca a possibilidade de realizar entrevistas que extrapolem as barreiras geográficas e seu baixo custo de investigação e, a partir disso, a viabilidade de investigar os dados a partir de análises estatísticas que levem em considerações as questões sociodemográficas.

Motivados por essas possibilidades, a coleta de dados foi realizada através de um questionário disponibilizado através da ferramenta Google Drive, que possibilita a confecção de formulários no ambiente digital, sem a cobrança de taxas. A opção por fazer a pesquisa de opinião apenas no ambiente digital nos pareceu a melhor solução, uma vez que, durante a realização desta pesquisa, estávamos em meio a pandemia de Covid-19. Apesar de não detalhar sobre as possibilidades da pesquisa de opinião através da internet, Novelli (2005) traz alguns aspectos relacionados a questionários que são feitos sem a presença do entrevistador. Entre eles, o fato de alcançar pessoas que estariam inacessíveis, caso a entrevista fosse realizada pessoalmente, a possibilidade do entrevistado responder quando for mais conveniente, assim como a garantia do anonimato de suas respostas.

Novelli (2005) nos orienta que, para realizar uma pesquisa de opinião, precisamos obter um número de informações que irão refletir as perspectivas sobre o tema em questão. Ao todo, foram trezes questões, majoritariamente, fechadas, na qual

os participantes escolhiam apenas uma opção como resposta. Realizamos as questões com base na escala nominal, na qual elencamos algumas categorias. As perguntas foram divididas em dois grupos. As primeiras, tinham o cunho de identificar traços dos grupos sociais que estavam participando da pesquisa. Foram levantados dados sobre faixa etária, gênero, escolaridade, localidade da moradia e o vínculo com a região Nordeste. Já na segunda parte, direcionamos as perguntas para observar as percepções e o consumo dessas pessoas em relação às produções cinematográficas que trazem o Nordeste como ambientação. Foram colhidos dados referentes ao gosto por esses filmes, no qual eles se passavam – no sertão, litoral ou capital -, e quais os aspectos que achavam mais interessantes nas referidas produções, ressaltando se sentem representadas e se acreditam que as cenas eram fiéis a realidade em que viviam. O formulário ficou disponível entre os dias 06 e 19 de outubro de 2020. A divulgação foi realizada, inicialmente, através da divulgação entre grupos de pesquisa e conhecidos, além de e-mails acadêmicos, solicitando a colaboração em compartilhar a pesquisa para mais grupos. Ao todo, 153 pessoas responderam as questões.

Para estudar essas evidências, seguindo o objetivo proposto neste trabalho, decidimos usar, para a exame das respostas, a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1997, p. 42), corresponde a:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ainda de acordo com a autora, esse tipo de análise nos possibilita um “leque de apetrechos”, uma vez que envolve um conjunto de instrumentos metodológicos. Para Fonseca Júnior (2005), a leitura a partir dos dados obtidos, irá permitir ao pesquisador observar evidências que podem passar despercebidas, a um primeiro momento, ou estarem em segundo plano. Bauer (2015) irá compreender que as leituras dessas informações serão propícias para realizar uma reconstrução de representações acerca do conhecimento e autoconhecimento das pessoas envolvidas em relação ao fenômeno estudado.

A partir das respostas que obtivemos, observamos as primeiras impressões do questionário. O Google Drive organiza as respostas do formulário em dois formatos: a individual, na qual temos acesso às escolhas de cada participante; e através de gráficos, onde visualizamos as respostas em uma escala de predominância. Assim, inicialmente, analisamos as respostas de forma individual no qual observamos traços específicos de cada entrevistado. Em um segundo momento, nos dedicamos a analisar os dados a partir dos gráficos, observando as linhas que prevaleciam nas respostas. Neste momento, filtramos e cruzamos alguns dos dados obtidos para observar se havia alguma predominância de respostas partindo de alguns grupos. Assim, observamos se as questões como o gênero, o local de moradia - cidades do interior ou litorâneas - influenciavam na forma como os indivíduos viam as representações nas obras cinematográficas.

## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE NORDESTINAS NO CINEMA NACIONAL**

O conceito de “representações sociais” vai ser apresentado na década de 1960, pelo psicólogo social Moscovici (2001), que irá buscar novas possibilidades de compreender os problemas de cognição e as relações sociais presentes em grupos, sem simplificá-la, a partir da sociologia. Para esse teórico, os sujeitos não reproduzem os elementos da realidade objetiva, eles recorrem a um processo de reconstrução, uma reelaboração humana, que resulta em um mecanismo de propagação de uma representação, que, permite aos indivíduos compreenderem e explicarem uma determinada realidade, construindo novos conhecimentos. Em outras palavras, as representações sociais podem ser compreendidas como um sistema que reuni valores, conceitos e práticas construídas pelo meio social, a partir do qual, os indivíduos e a comunidade estabelecem uma ordem na perspectiva de se orientarem no mundo.

Fenômenos complexos, que diferem de acordo com a sociedade e grupos nas quais nascem e são moldadas, as representações sociais, conforme nos aponta Jodelet (2001), são uma forma de conhecimento elaborada de forma coletiva, referente a uma realidade comum a um grupo social. Dessa forma, elas partem de um conhecimento preexistente, construindo uma visão consensual da realidade para determinado grupo. A

partir disso, é possível compreender questões referentes às práticas e conhecimento dessa sociedade, uma vez que esse fenômeno está presente na nossa rotina, de forma naturalizada, seja através de discursos, imagens e mensagens midiáticas, servindo como guias de condutas, orientando nossa forma de se relacionar com o mundo e com os outros.

Dessa forma, compreendendo que as representações sociais estão presentes nas dinâmicas da sociedade, é preciso reconhecer o seu caráter móvel e circulante que condiz diretamente na forma em que é estabelecida, assim como o processo pela qual são elaboradas (DUVEEN, 2007).

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano- Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica. (MOSCOVICI, 1961 *apud* DUVEEN, 2007, p. 10)

A partir disso, é possível notar as relações de pertencimento e relações dos sujeitos. Jodelet (2001) também observa que na dinâmica das representações sociais, a presença do sujeito sempre está voltada para refletir a existência de um determinado objeto. Assim, a representação “tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito” (p. 27). Assim, a construção da perspectiva que o sujeito tem sobre o objeto está baseada nas informações que ele recebe acerca do objeto.

Santos (2005) destaca quatro funções que as representações sociais cumprem em nossa sociedade: 1) do saber, no qual as (RS) servem para explicar e nos fazer entender a realidade social; 2) de orientação, em que servem como guias para nos orientar acerca de certas práticas sociais; 3) justificadora, que fundamenta os comportamentos e condutas acerca de determinados objetos; 4) identitária, que compartilha determinadas representações que diferenciam os grupos um do outro. Neste trabalho, especificamente, muito nos interessa a função identitária, por compreender que as representações sociais

possibilitam a edificação de uma identidade grupal, permitindo ao indivíduo se sentir pertencente aquela comunidade ou as demais pessoas associarem indivíduos a determinados grupos.

Almeida (2005, p. 45-46) compreende que o conteúdo das representações sociais é determinado e organizado a partir de uma relação com o mundo, na qual há um intercâmbio social que “se consubstancia através da linguagem, que, por sua vez, possibilita a formação de ideias, e também de um vínculo e de uma identidade social”. Ainda de acordo com esse autor, essas representações seriam responsáveis pela manutenção da identidade de um grupo, uma vez que há a mobilização de um tipo de “defesa” dos valores dominantes frente a irrupção de novidades.

Hall (2006) defende que o indivíduo pós-moderno é um ser fragmentado, que, segundo ele, pode viver em um determinado meio geográfico de um indivíduo e não comungar das mesmas manifestações culturais. Essa fragmentação, apontada por esse último autor, demonstra que os indivíduos não são seres estáticos, mas dinâmicos. Desse modo, somos levados a entender que mesmo uma pessoa que comungou boa parte de sua vida e se sentiu representado por uma manifestação cultural nativa de seu espaço geográfico, pode, após alguns anos, já não se sentir representado socialmente por ela. Assim, muitos indivíduos que vivem em sociedade e comungam de determinadas culturas podem ou não partilhar dos mesmos sentimentos de pertença a uma identidade.

Precisamos assinalar também que o processo de globalização social tem influenciado diretamente no que diz respeito as representações sociais e sua função identitária. Pois, quando os indivíduos viviam em outras configurações de espaço/tempo, com maiores barreiras para ter acesso a outras culturas, diminuía o leque de outras alternativas, de saberem se gostavam, se identificavam ou não por manifestações culturais de regiões diferentes. Com a popularização da Internet e os meios de comunicação, por exemplo, as pessoas passaram a ter maior facilidade a acessar a outras culturas, mesmo que não presencialmente, já se tinham conhecimentos de mundos diferentes, como crenças, danças, culinária e outros aspectos culturais, por isso,

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se

---

politizada. Esse processo é as vezes, descrito como constituindo (de classes) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Ainda de acordo com Moscovici (2007), independentemente do indivíduo ser fragmentado ou não, as representações sociais primárias de cada pessoa, seja de corpo, relações sociais ou culturais, são desenvolvidas da infância até maturidade. Abordando a nossa realidade, onde acreditamos que os indivíduos são atraídos pelas imagens cinematográficas que estão sendo veiculadas sobre o Nordeste, Paiva (2006) afirma que a sétima arte, como é descrito o cinema, tem um efeito mágico de prender o espectador diante das situações e histórias contadas nas telas. Essa autora ainda afirma que o Nordeste foi, ao decorrer dos anos, sendo construído pelo cinema e, é claro, em um universo simbólico, essa construção foi, aos poucos, trazendo sentimentos de representação social (ou não) para as pessoas, a partir da reprodução de um conjunto de imagens, que tiveram uma certa inclinação em adotar uma homogeneização do Nordeste: “O audiovisual nacional apresenta, na maioria de seus filmes de ficção, um discurso centralizado na figura do nordestino como um mártir que desenvolve sua existência trágica, que se traduz em dor, fome, miséria e morte” (PAIVA, 2014, p. 115).

Essas reproduções apresentadas acima se constituíram de forma homogênea, tendo como influência principal a literatura brasileira. Várias produções fílmicas acerca do Nordeste foram extraídas de grandes obras literárias, escritas por autores como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego entre outros, que tiveram seus livros transformados em conteúdos audiovisuais. Consequentemente, o nordestino passou por uma construção de sua imagem, através do cinema, desde 1930, com base em produções literárias, que reforçam a ideia do rural e a natureza hostil, constantemente evocadas no imaginário popular das pessoas.

Assim como nas telas, a descrição da paisagem sertaneja era ponto chave nesses livros. Tolentino (2001) fala que o rural apresentado no cinema nordestino, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, se rebelou, mostrando lugares e paisagens inesperadas, denunciando as marcas de um agrarismo histórico. Sobre as relações humanas, essa autora ratifica que, dentro do espaço rural, o cinema passou a apresentar condições humanas, cultura e formas de se relacionar em sociedade, diferentes dos seres urbanos, acrescentando que

O homem simples do campo padeceria de problemas imediatos, desejos elementares, que não diriam respeito a mais ninguém além dele e, no máximo, à sua comunidade imediata. O sujeito pré-urbanizado e pré-desenvolvido, está e parece sempre ter estado aquém da humanidade (TOLENTINO, 2001, p. 296 – 297).

Ainda sobre a representação do rural no cinema nordestino, Paiva (2014) comenta que essa ligação de imagens – cinema/literatura, rural/natureza - vem desde a década de 1950, no Brasil. Na maioria dos casos, os locais são os interiores (sertões Semiárido) e também, em alguns casos, as cidades. De acordo com essa última autora, conflitos como o coronelismo, a imagem do vaqueiro, a população humilde, o cangaço, a fome e a seca, contribuem para um cenário que propicia maior dramaticidade as narrativas audiovisuais que buscam veicular essa região através do cinema.

Esses aspectos também continuaram presentes no “Cinema Novo”. Leal (1982) destaca que o Nordeste foi a principal fonte de inspiração para os cinemanovistas, como Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, que acabaram colaborando, de forma indireta, para a estereotipização do Nordeste, ao evidenciar em suas grandes produções as condições de miséria que viviam os nordestinos. Paiva (2017) observa que as imagens produzidas, nesse período (1960) servem, até os dias de hoje, como fonte de inspiração para algumas produções audiovisuais, tanto na ficção, como em produções não-ficcionais. Atualmente, por exemplo, para ilustrar algumas matérias jornalísticas que se referem ao Nordeste, especialmente, sobre o Semiárido e os períodos de estiagem (seca), ainda são utilizadas imagens concebidas por esses dois cineastas, em filmes como *Vidas Secas* (1963) e *Deus e o Diabo na terra do sol* (1964).

É claro que, ao longo das décadas, algumas concepções sobre o cinema que pauta o Nordeste foram modificadas. Ainda segundo Paiva (2017), após alguns hiatos e retomadas, as produções cinematográficas, que começaram na virada do século, se consolidando nos anos 2000, abordaram, em filmes como *Central do Brasil* (1998),

(...) uma ideia de resgatar a identidade brasileira através da valorização da identidade nordestina. Então não é por acaso que filmes como *Central do Brasil* começam no Rio de Janeiro e acabam no Nordeste, revelando um processo migratório contrário. Chegando nos anos 2000, existe uma divisão em relação a representação da região. Ainda permanece um pouco do Nordeste que é pautado em estereótipos como, recentemente, tivemos o filme *Reza a Lenda* (2013), mas também existe a produção de outros cinemas como, por

exemplo, a cinematografia pernambucana que representa o Nordeste contemporâneo e que discute outras questões como raça, gênero, faixa etária (PAIVA, 2017, p. 158).

Assim, podemos constatar que há uma multiplicidade de identidades e representações nordestinas delineadas no cinema brasileiro que, em muitas vezes, entram em conflito entre si. Assim, após, brevemente, expor sobre a forma como alguns autores discutem as questões das representações sociais e a identidade nordestina no cinema, temos condições de procurar entender, com base na opinião popular, as percepções das pessoas em relação ao cinema que aborda temáticas nordestinas/sertanejas.

## **UMA LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO NORDESTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS NORDESTINOS**

Inicialmente, conforme delineado na Introdução deste artigo, identificamos alguns traços mais comuns entre os participantes da pesquisa. No universo de 153 pessoas que responderam ao questionário online, 98,7% moram no Nordeste, atualmente. A maioria era mulheres (74,5%), entre 18 e 29 anos (54,4%) e com acesso ao ensino superior (70%). Para Maura Penna (1992), a questão da identidade nordestina está diretamente relacionada a fatores como naturalidade (local de nascimento); vivência (experiência de vida dentro das fronteiras da região); cultura e auto-atribuição. No caso específico de nossa investigação, conforme descrito na Introdução deste artigo, consideramos como nordestinos, os entrevistados que por auto-atribuição responderam ao questionário por residirem nos nove estados dessa região e/ou por nascerem nesses locais.

Em qualquer dessas situações, é importante lembrar que:

Antes da emergência desta identidade regional, os habitantes desta área eram conhecidos através de diferentes designações, tais como nortistas, sertanejos, brejeiros, praieiros, retirantes, além da referência à província ou estado de origem - pernambucano, baianos, paraibanos, cearenses, etc (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005, p. 32).

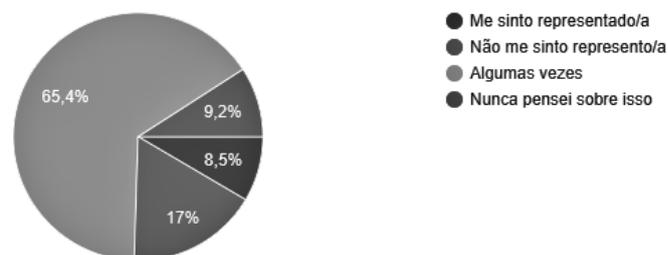
Ao observarmos as respostas a partir da perspectiva de gênero, por exemplo, notamos que 41% dos homens acreditam que os filmes que pautam o Nordeste são fiéis a realidade local, em contrapartida apenas 7% deles se sentem representados, apenas **ComSertões, Juazeiro, Bahia, v. 9, n. 1, p. 37-55, ago. 2021**

15% das mulheres acreditam na fidelidade dos filmes com relação a suas vidas, sendo que 5% delas se sentem representadas. Esses números indicam que os/as entrevistados/entrevistadas se sentem pouco representados pelas obras cinematográficas que pautam o Nordeste, pelo menos, entre os filmes os quais tiveram contato, alguns dos que foram apresentados são: *O Auto da Compadecida* (2000); *Lisbela e o Prisioneiro* (2003); *Bacurau* (2009); *Raízes do Sertão* (2012-2019), dentre outros.

Essa diferença de quase 30 pontos percentuais entre os gêneros masculino e feminino e a percepção de representatividade nos filmes sobre o Nordeste parece indicar que os homens têm maior tendência a conciliar os filmes com sua realidade, provavelmente, porque as obras nacionais reproduzem um discurso mais próximo do cotidiano masculino, especificamente, no caso do Nordeste em que há, conforme delineia Albuquerque Júnior (2005) um modelo patriarcal de sociedade emoldurado pelo mito das paisagens naturais desoladoras que colaborou para a construção da ideia de “nordestino cabra-da-pestre”. É bom ressaltamos, contudo, que, apesar das pessoas identificarem traços nos filmes que remetem a sua realidade, o número de entrevistados/entrevistadas que afirmam se sentir perfeitamente representadas é bem baixo, conforme podemos verificar no Gráfico 1.

Você se sente representado através das cenas de filmes que abordam o Nordeste?

153 respostas



**Gráfico 1 – Sentimento de representação dos nordestinos no cinema**

Assim, buscamos observar quem eram esses indivíduos que partilhavam dessa experiência mais positiva em relação a representação do Nordeste nas telas. Os dados nos revelaram que todas as pessoas que afirmaram se sentir representadas pelos filmes ambientados no Nordeste também acreditam que os filmes com temáticas nordestinas

---

fazem uma leitura da realidade em que vive. Curiosamente, nesse cenário, 77% das pessoas que concordaram são mulheres, enquanto apenas 23% são homens, apresentando uma contradição interessante em relação às respostas anteriormente analisadas. Esse grupo também destacou que, ao assistirem os filmes, os aspectos que mais apreciam são a cultura, além das falas/expressões.

Ismail Xavier (1983) afirma que os filmes ambientados no Nordeste, em sua grande maioria, apresentam um discurso que privilegia uma “representação do Nordeste ligado à cultura popular”, com discussões que envolvem a “questão política, o mimetismo religioso, a inocência da mulher nordestina, o machismo e a força do homem sertanejo, através do uso de conceito de coragem, da seca, da solidariedade, etc” (p. 9-13). Essa forma de caracterização operada pelo cinema favorece o regionalismo que se traduz, conforme Penna (1992), em um discurso caracterizado por uma certa homogeneização, constantemente reelaborada, através da incorporação de elementos e conteúdo, de acordo com modificações presentes nos diversos níveis sociais.

O Nordeste brasileiro é cheio de peculiaridades em sua cultura e também em questões geográficas relacionadas às paisagens, variando de um Estado para outro. Por isso, destacamos que os filmes abordam em suas narrativas cenários e conceitos que tanto podem ser parecidos, como podem trazer particularidades distintas, como por exemplo, o mesmo Nordeste discutido em questão podem ser abordados com narrativas e tramas diferentes ou com mesmos conceitos dependendo do produto em questão. Nesse sentido, Tolentino (2001) discute que se tratando de abordagens cinematográficas sobre o Nordeste existe uma dualidade em relação ao Sertão X Litoral, colocando as abordagens em situações opostas, essa herança de conceitos é herdade desde as contribuições literárias de Euclides da Cunha. A autora ainda consta que esse mesmo processo é assumido pelo cinema quando se refere a dicotomia entre Nordeste e Sul. A partir disso, entendemos que existe uma intencionalidade que é discutida por autores como Tolentino (2001) referentes a uma homogeneização nas abordagens cinematográficas em relação as imagens de Sertão como oposto ao litoral.

Em paralelo a isso, o número de pessoas que afirmaram não se identificar, de nenhuma forma com os filmes ambientados no Nordeste, foi pequeno. Ao todo, 17% dos participantes compartilham desse pensamento. Majoritariamente, as pessoas que

fazem parte desse grupo responderam que moram em cidades do interior e, apesar de não se sentirem representadas, cerca de 80% delas gostam das produções que pautam o Nordeste. Também esteve presente um grupo de pessoas que manifestaram nunca terem pensado se os filmes as representavam, totalizando 9,2%, o que podemos considerar que ainda existem pessoas que, de certa forma, consomem conteúdos da mídia que retratam o Nordeste e não pensam com criticidade se aquelas produções são de fato fiéis ao que vivem em suas cidades e regiões. Essa ausência de preocupação em relação à forma como o cinema representa o Brasil se deve, em grande parte, ao fato dessa forma de arte ser concebida em nossa sociedade apenas como forma de entretenimento. Outro grupo, que somou 70%, mostrou posicionamento contrário ao afirmar que as obras cinematográficas não eram fiéis a realidade, evidenciando também uma preferência em observar os aspectos culturais dos filmes.

Um dos aspectos que mais nos chamou a atenção, nesta pesquisa, foi o fato de que, ao perguntarmos se essas pessoas se sentiam representadas nas obras cinematográficas, cerca de 65% das pessoas afirmaram que “às vezes”, o que nos leva a considerar que os espectadores ao consumirem produções fílmicas que abordam o Nordeste, em determinados momentos das exposições, conseguem se enxergar lá, seja culturalmente ou socialmente, mas que também, do mesmo modo, em outros trechos já podem achar que as produções não despertem tanto o sentimento de representação, devido ao excesso de estereótipos presentes nesses filmes. Paiva (2006) define esse tipo de representação repetitiva como signos de nordestinidade, que reduzem o povo nordestino a características possuidoras de uma igualdade pejorativa e singular, construindo uma associação entre a região à pobreza e a seca e compondo identidades sociais dependentes desses signos.

Apesar de, inicialmente, a pesquisa ter sido pensada com perguntas fechadas, uma das participantes – que nomearemos como Participante 50 – declarou, na única questão que deixamos aberta, um pouco de sua percepção sobre a representação do Nordeste nas telas:

Há produções que captam coisas muito subjetivas do sertão, outros usam apenas como pano de fundo e intensificam apenas fome, sede, pobreza, sotaque, apenas o exótico, mas a mesma coisa ocorre com o Rio de Janeiro, por exemplo. Portanto, às vezes, me identifico muito,

às vezes de jeito nenhum. Por outro lado, não creio que seja papel do cinema ser fiel à realidade, assim como o papel da TV, por exemplo, não é educar, é entreter, é mexer com o imaginário, é provocar emoções.

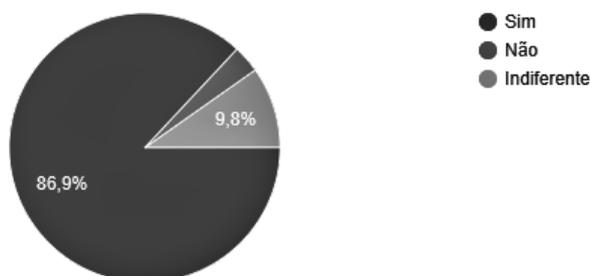
Hall (2006) aborda questões relacionadas a esse processo identitário que ora nos faz ter um sentimento de participação e identificação e às vezes, por outro lado, nos faz entender que aquilo não nos representa e não nos dá sentimento de pertencimento social. Esse processo relatado pela Participante 50, em sua resposta, remete-nos ao descrito por Hall sobre o sujeito pós-moderno e seus processos identitários que envolvem a não existência de uma identidade fixa, essencial ou permanente, como foi descrito no relato, e sim, fragmentada como uma “celebração móvel”, que é transformada continuamente com base nas relações, identidades e representações sociais que nos rodeiam.

Ao observarmos sob a perspectiva das pessoas que afirmaram se gostavam ou não das produções cinematográficas que pautam o Nordeste, também conseguimos identificar alguns aspectos (Gráfico 2). Pelo menos 70% das pessoas que afirmaram gostar desse tipo de produção, também disseram que essas obras não correspondem fielmente a realidade em que vivem. Em nenhum momento, as pessoas desse grupo se sentiram representadas inteiramente nas telas. Já as pessoas que não costumam assistir esses filmes, apresentam o traço de não gostarem e/ou serem indiferentes a essas obras, além de não acreditarem - 75% delas – que os filmes são fiéis. Por fim, as pessoas que são indiferentes a esse tipo de produção atestaram, massivamente, que os filmes não retratam a realidade e também não partilham – ou apenas em poucos casos – do sentimento de representação.

Em relação a esse dado em questão, os/as entrevistados/entrevistadas, ao tempo que gostam das produções brasileiras sobre o Nordeste, apresentam uma criticidade ao analisar que esses filmes trazem concepções estereotipadas e fogem da realidade em que vivem. Paiva (2014) avalia que essa propagação discrepante e excessiva entre o Nordeste “real” e aquele presente nas telas de cinema contribui para a formação no imaginário popular de uma representação social que estancar a vida nordestina em temas desgastados e repetidos, omitindo a diversidade presente na região.

Gosta desse tipo de produção

153 respostas



**Gráfico 2 – Apreciação dos filmes que trazem o Nordeste**

Também observamos que os aspectos que as pessoas mais apreciavam nos filmes que versam sobre o Nordeste, conforme já analisado aqui neste artigo, corresponderam a cultura (43,8%), seguidos de falas/expressões (37,9%). Certamente, esses elementos ficaram em destaque devido à profusão de sua imagem. De acordo com Velasco (2017, p. 131), “somos lembrados por esses espaços e os signos que constituem”, que se estabelecem a partir de uma representação tradicional, arquetizada e reproduzida historicamente.

Conforme afirma Jodelet (2001), é bom ressaltarmos, as representações sociais não correspondem literalmente nem ao real, nem ao ideal, tampouco é parte subjetiva do objeto ou a parte objetiva do sujeito, ao contrário, elas são um produto da relação estabelecida entre estas instâncias. Contudo, sobre a representação do Nordeste no cinema brasileiro, cabe-nos lembrar que há uma vasta realidade de vidas, histórias, práticas e costumes no que atualmente intitulamos Nordeste que, no entanto, são apagadas por uma unidade imagético-discursiva, que nasce da urgência da (re)territorialização construída a partir de um levantamento da natureza, assim como da história econômica e social da área, juntamente de todo um empenho de produção de uma memória social, cultural e artística que pudesse servir de base para sua instituição como região (ALBUQUERQUE, 2003) que colabora para que alguns participantes desenvolvam um sentimento de participação social maior em relação aquilo que está sendo exibido nas telas.

## Considerações Finais

Ao reverberar sobre a formação sociopolítica do Nordeste, foi possível constatar aspectos referentes às representações sociais e identidades que foram construídas, gradualmente, acerca dessa região e que, até os dias atuais, influenciam na ambientação de produções audiovisuais que trazem a região como cenário ou temática. Por meio de um questionário online, disponibilizado através do Google Drive, contendo 13 perguntas foram entrevistadas 153 pessoas e suas respostas foram analisadas e cruzadas com base em estudos acerca das questões sobre representação, identidade e identidade nordestina. Pudemos constatar algumas percepções que os próprios nordestinos e nordestinas tem a respeito das representações identitárias contidas nas obras cinematográficas sobre o Nordeste.

Os dados indicam que as pessoas gostam de consumir esse tipo de conteúdo. Notamos que, apesar de quase 70% das pessoas acharem que os filmes não são fiéis a realidade em que vive, que esses mesmos indivíduos ainda mantêm uma opinião dividida quando se refere às representações de sua realidade presentes nas telas. Possivelmente, esse seja um aspecto em conflito que pode ser justificado pelo conjunto de identidades fragmentadas que os sujeitos carregam consigo na pós-modernidade ou pela unidade dessa representação a partir de alguns estereótipos difundidos desde 1950. Ao mesmo tempo, as respostas ao questionário indicam que os/as participantes se reconhecem em relação à cultura, as falas e expressões dos personagens fílmicos.

Esses aspectos parecem estar diretamente relacionados à forma como o Nordeste ainda é reproduzido nas telas de cinema e em outros âmbitos da cultura que uniformizam realidade de vidas, histórias, práticas e costumes. Por fim, ressaltamos que esta pesquisa, ainda que preliminar, serviu para abrir caminhos e perspectivas para novos estudos sobre como os/as nordestinos/nordestinas se sentem representados/representadas que, anteriormente, não eram cogitados pelos autores, como a evidencia de um sentimento de representação que, muitas vezes, se mostra complexo e, por vezes, contraditório.

## Referências

- 
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Cabra da peste! In: NOSSA HISTÓRIA. Rio de Janeiro, Ano 2, nº 17, março de 2005
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI\\_S\\_Representa%C3%A7%C3%B5es\\_Sociais](https://www.academia.edu/25698906/MOSCOVICI_S_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais). Acesso em: 04 jun. 2021.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.
- LEAL, Wills. **O Nordeste no cinema**. Editora Universitária – FUNAP/UFPB. João Pessoa, 136 p, 1982.
- MAFFESOLI, Michael. O imaginário é uma realidade. [entrevista a Juremir Machado da Silva]. **Revista Famecos - mídia, cult e tecnologia**. 2001; 15:74-81.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.
- NOVELLI, Ana Lúcia Romero. Pesquisa de Opinião. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- \_\_\_\_\_. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.
- PAIVA, Carla Conceição Silva da. **Mulheres nordestinas, sujeitos ou objetos? análise da representação feminina em quatro filmes brasileiros da década de oitenta**. 2014. 317f.

Tese (Doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAIVA, Carla C da S. A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes “O Pagador de Promessas” (1962) e “Sargento Getúlio” (1983). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006 – 115p.

\_\_\_\_\_. Signos de nordestinidade no cinema brasileiro. [entrevista concedida a Ingrid Hayara dos Santos e Andrea Cristiana Santos]. **ComSertões**: revista de comunicação e cultura no semiárido, UNEB, n. 5, p. 155-160. 2017.

PENNA, Maura. O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

RAGO, Margareth. Prefácio: Sonhos de Brasil: In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA. A Teoria das Representações Sociais. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA; Leda Maria de. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. **O rural no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

XAVIER, Ismail. Sertão Mar: Glauber Rocha e a Estética da Fome. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.